

**BACIA SEMÂNTICA E O  
TRAJETO ANTROPOLÓGICO  
EM UMA NARRATIVA  
HISTÓRICO-LITERÁRIA  
SOBRE IMIGRAÇÃO  
ITALIANA: MARCAS DE  
ANCESTRALIDADE**

*SEMANTIC BASIS AND THE  
ANTHROPOLOGICAL PATH IN  
A HISTORICAL-LITERARY  
NARRATIVE ON ITALIAN  
IMMIGRATION:  
ANCESTRALITY BRANDS*

**Heloisa Juncklaus Preis Moraes  
(Unisul)<sup>1</sup>**

**Luiza Liene Bressan  
(Unibave)<sup>2</sup>**

**RESUMO:** O que se busca com este estudo é a discussão, a partir de uma narrativa histórico-literária sobre imigração italiana no sul de Santa Catarina, da relação entre Literatura, Imaginário e História sobre dois vieses: primeiro, a produção literária vem embebida de elementos imaginais, como os mitos da cocanha e do desbravador. Segundo, a obra se constitui de reforço da identidade e sentimento de pertença ao que vamos chamar de italianidade, fomentando o imaginário da imigração, pelos seus ritos, símbolos e tradições, em memória e culto a uma ancestralidade. Assim, em última análise, buscamos a reflexão sobre a bacia semântica e o trajeto antropológico da imigração italiana no sul de Santa Catarina a partir da narrativa *Operários de Primeira Hora*, de Valdemar Muraro Mazzurana (2012).

**PALAVRAS-CHAVE:** Bacia Semântica; Trajeto antropológico; Narrativa; Ancestralidade; Imigração italiana.

**ABSTRACT:** What is sought with this study is the discussion, from a historical-literary narrative on Italian immigration in the south of Santa Catarina, of the relation between Literature, Imaginary and History on two biases: first, literary production is imbued with imaginal elements, like the myths of the cocanha and the pioneer. Secondly, the work consists of strengthening the identity and feeling of belonging to what we will call Italianity, fostering the imaginary of immigration, by its rites, symbols and traditions, in memory and worship of ancestry. Thus, in the last analysis, we seek the reflection on the semantic basin and the anthropological path of Italian immigration in the south of Santa Catarina from the narrative *Operários de Primera Hora* by Valdemar Muraro Mazzurana (2012).

**KEYWORDS:** Semantic Basin; Anthropological path; Narrative; Ancestry; Italian immigration.

---

<sup>1</sup> Doutora, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Unisul, Tubarão, Santa Catarina, Brasil. [heloisapreis@hotmail.com](mailto:heloisapreis@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Unisul, Tubarão, Santa Catarina, Brasil. [luizalbc@yahoo.com.br](mailto:luizalbc@yahoo.com.br)

## Introdução

Os processos migratórios são por excelência fenômenos complexos cuja correta compreensão requer o aporte de diferentes áreas do conhecimento. Uma das áreas está relacionada à história, não só a de aporte científico, mas também a pessoal. Aquela que diz respeito como sujeitos de ser e estar no mundo. Na essência destes processos encontram-se a desterritorialização e reterritorialização. Destituídos de seus territórios, os imigrantes italianos chegaram ao sul catarinense a partir da década de 1870.

A narrativa histórico-literária, neste sentido, pode ser compreendida como um momento de expressão e releitura da experiência do deslocamento ou desenraizamento. Também contribui para que venham à tona os inúmeros processos de subjetivação e mobilização de símbolos e afetos. Em outras palavras, quem narra, reconfigura os eventos e os redimensiona no tempo e no espaço. É um reencontro de gerações.

O que se busca com este estudo é a discussão, a partir de uma narrativa histórico-literária sobre imigração italiana no sul de Santa Catarina, da relação entre Literatura, Imaginário e História sobre dois vieses: primeiro, a produção literária vem embebida de elementos imaginais, como os mitos da cocanha e do desbravador. Segundo, a obra se constitui de reforço da identidade e sentimento de pertença ao que vamos chamar de italianidade, fomentando o imaginário da imigração, pelos seus ritos, símbolos e tradições, em memória e culto a uma ancestralidade. Assim, em última análise, buscamos a reflexão sobre a bacia semântica e o trajeto antropológico da imigração italiana no sul de Santa Catarina a partir da narrativa *Operários de Primeira Hora*, de Valdemar Muraro Mazzurana (2012).

No Sul do Brasil, a corrente migratória foi bastante significativa, concentrada em colônias e suas produções agrícolas. O desejo de alguns políticos liberais do Império era trazer pequenos

proprietários para povoar as regiões sulinas e, assim, evitar a conquista dos vizinhos platinos sobre a região. Havia, também, o desejo dos grandes proprietários rurais em prosseguir numa política agrária centrada na grande propriedade e na agricultura de exportação. Neste sentido, toda a região transformou-se em receptora de imigrantes, destinados a pequenos lotes de terra.

A narrativa, que recria o cenário da vinda de imigrantes italianos que ocuparam a região sul de Santa Catarina no final do século XIX e no início do século XX, objeto deste estudo, segundo seu prefácio:

é uma obra literário/humana, onde seu autor, preocupado com a autenticidade criadora, envereda por essas picadas sem se preocupar muito com escolas ou movimentos, manifestando sempre certo comprometimento social, cujo foco é o ser humano, as suas limitações e a sua necessidade de libertação (MAZZURANA, 2012, p. 8).

Ao se fazer a relação entre Literatura e História, queremos ressaltar que o fazemos a partir dos pressupostos teóricos de Durand e os estudiosos do imaginário. Nesses estudos, como aponta Durand, o imaginário não pode ser reduzido nem ao indivíduo, nem a um tempo preciso: “para a consciência humana, nada é simplesmente apresentado, mas tudo é representado” (DURAND, 1988, p.55). Dessa forma, há muitos estudos cuja intenção é explicar a aproximação entre literatura e história. A literatura procura representar/expressar os fatos históricos, reconstruindo-os pela imaginação criadora do autor, enquanto a história relata todo o universo de acontecimentos que envolve o ser humano em seu convívio social. Assim, ambas as narrativas (literária e histórica) possuem limites nem sempre perceptíveis, já que são discursos, e como tal, conforme escreve Hutcheon (1991, p.122), “o que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou é que a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de

significação pelos quais damos sentido ao passado”. Ou, conforme nos ensina Bosi sobre as questões de fronteira entre História e Literatura (2015, p.226):

Sem descartar outras especulações sobre o nó teórico, parece-me ainda razoável dizer que, ao fazer discurso histórico ou memorialista, a consciência testemunhal fica desperta o tempo todo. E, do outro lado, o lado da ficção, mesmo quando o autor diz abdicar de qualquer distinção entre o vivido e o imaginado, efetivamente a consciência autoral sabe que há momentos que são puras transcrições jornalísticas do acontecido e momentos em que opera toda uma fenomenologia do desejo e em que entram elementos imaginários.

Concordando com os autores acima citados, a narrativa sobre a qual nos referimos nesse estudo constitui-se como um discurso cuja significação reconta um recorte do passado da imigração italiana no sul de Santa Catarina e a reatualização do mito da terra prometida descrito em muitas culturas e sacralizado nas escrituras da Bíblia Sagrada, quando Moisés conduz o povo à liberdade. Nossa questão é aproximar esta discussão dos relatos histórico-literários à perspectiva do imaginário, uma vez que utilizam-se de mitos, símbolos, arquétipos, descrevem o trajeto antropológico de grupos sociais e pertencem a bacia semântica de uma época.

### **Pelas vias do Imaginário: Mitos, Bacia Semântica e Trajeto Antropológico**

O imaginário, para Durand (2002), é a matéria prima do espírito. Confere a capacidade ao ser humano de formular atitudes imaginativas para enfrentar a consciência da finitude. Sua expressão se dá pela imaginação criadora: dinamismo organizador da representação. A perspectiva da antropologia do imaginário (aqui nos referimos às concepções de Cassirer, Bachelard, Eliade, Durand,

Maffesoli) é sempre simbólica. Há certa convergência, isomorfismo e totalidade das imagens expressas pelo ser humano. Das primeiras representações, passando pelas antigas mitologias às narrativas contemporâneas, podemos encontrar matrizes: arquétipos e símbolos são mobilizados pelos mitos.

A mitologia se faz presente na humanidade. Ela move o ser humano na história e se (re)cria, expressando o mundo e a realidade humana, mas sua essência é efetivamente uma representação coletiva, que chegou à contemporaneidade perpassando várias gerações.

Eliade (2010, p. 84) assim se manifesta sobre a ideia de mito, pois este “conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do Tempo, *ab initio*. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério”. Para Rocha (1985, p.7), “mito é uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações.” O autor (1985, p.8) destaca também a importância do mito como uma narrativa, pois “o mito não é uma fala ou narrativa qualquer, é uma narrativa especial, particular, capaz de ser distinta das demais narrativas humanas.”

Os mitos perpassaram gerações e sua existência se faz presente em todos os tempos e em todos os povos por meio da narrativa que lhe dá o suporte para a existência. E as narrativas são expressas por linguagens que representam os objetos, conforme diz Wilhelm von Humboldt (citado por CASSIRER, 2000, p. 23): “o homem vive com seus objetos fundamental e até exclusivamente, tal como a linguagem lho apresenta, pois nele o sentir e o atuar dependem de suas representações”. E complementa ao dizer que, “pelo mesmo ato, mediante o qual o homem extrai de si a trama da linguagem, também vai se entretendo nela e cada linguagem traça um círculo mágico ao redor do povo a que pertence, círculo do qual não existe escapatória possível, a não ser que se pule para outro”.

Interessados na compreensão e na relevância dos mitos na construção do imaginário, os estudiosos do assunto, entre eles

Durand (2002) também se preocuparam com os estudos mitológicos. Para ele, adquire relevância o significado do mito, já que o imaginário é produto do pensamento mítico: “entenderemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito é já um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias” (DURAND, 2002, p. 62-63).

O mito corresponde, assim, à essência do imaginário e desempenha um papel fundamental no equilíbrio entre o sujeito e o mundo. Importante comentar, também, que a sociedade tem uma memória armazenada em suas instituições informativas: os monumentos, documentos, modos de vida, línguas naturais, etc. Aqui, ocorrem duas consequências: a sobreposição das fases tópicas: o renascimento do mito desenha-se muito antes sob os mitologemas dominantes que se esgotam, ou seja, perdem seu dinamismo (DURAND, 1996). A cultura memoriza *trends* em proporções variáveis e em estrados diversos, contraditórios. Essa memorização autoriza a reutilização que se manifesta por ressurgimentos de estilos, de modos, diversos, de mitologemas. Cabe dizer que essas reutilizações não se configuram como repetições mecânicas e estereotipadas.

Cada informação é modificada pelo crescimento de informações que são re-injetadas. Essas informações entalham num conjunto sociocultural as bacias semânticas cuja identificação se dá por regimes imaginários específicos e mitos privilegiados. Durand recorre à metáfora da formação de um rio ou de uma bacia aquífera para explicar a dinâmica de formação dos imaginários. A bacia semântica de um determinado imaginário, segundo Durand (1996, p. 165-166), se desenvolve em seis etapas: a escorrência (afloramento de pequenas correntes, que apesar de díspares têm algum ponto em comum), a partilha das águas (agrupamento de correntes e disputas), a confluência (afirmação e reconhecimento), a nomeação (tipificação de toda a *bacia*), a

contenção das margens (consolidação) e, por fim, o esgotamento dos deltas e dos meandros (saturação e abertura a escorrências).

Dessa forma a bacia semântica oferece impressões de paisagem cultural e de atualidade. Pode ocorrer o ressurgimento em função da memória social. Essa reutilização não é uma repetição mecânica, nem um desgastado estereótipo. Por estarem re-injetadas num conjunto sociocultural, aumentam as existências e a qualidade de informação da sociedade e o mito retorna reatualizado, aperfeiçoando em dada sociedade os processos de veracidade. São trajetos em constante retroalimentação e que vão se fazendo presentes em todas as culturas, dando ao mito esse dinamismo que não cessa. A bacia semântica é ambiente para o que a teoria apresenta (bem como a narrativa histórico-literária representa) o trajeto antropológico. Assim, nas palavras de Durand (2002, p. 41), configura-se como “a incessante troca que existe ao nível imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social”. Ou seja, há um polo mais pulsional, em que estão presentes os *schèmes* e arquétipos, símbolos e mitos, que sugestionam a expressão simbólica, variando com as intimações do meio sociocultural num dado tempo e espaço de experiências compartilhadas, tal como veremos na proposição da narrativa em análise.

Por esse viés, a narrativa *Operários de Primeira Hora*, de Valdemar Mazzurana, reatualiza o mito da busca da terra prometida a partir de escorrências estéticas, permitidas nos fazeres da pós-modernidade na literatura e partilha de águas de muitas outras estéticas que coexistem simultaneamente. Ainda, afirma-se como uma narrativa histórico-literária que reconta a épica de imigrantes italianos no sul de Santa Catarina e se propõe abrir outras possibilidades a partir de aberturas a escorrências, que a arquetipologia como método possibilita com o auxílio da linguagem literária. A representação literária é uma das infinitas formas de se perceber uma determinada realidade.

Por estarem re-injetadas num conjunto sociocultural, aumenta as existências e a qualidade de informação da sociedade e o mito retorna reatualizado, aperfeiçoando em dada sociedade os processos de identificação e sentimento de pertença. São trajetões em constante retroalimentação e que vão se fazendo presentes em todas as culturas, dando ao mito esse dinamismo que não cessa. À busca da cocanha é imaginária e por ser imaginária é real, assim como todo real é imaginário (SILVA, 2003). Potência imaginal que mobiliza as forças no (e para o) cotidiano, deixando marcas no tempo e na memória dos envolvidos.

### **Diáspora italiana: italianidade, cocanha e desbravador**

Este estudo, centrado na narrativa de Mazzurana (2012), como constituinte do imaginário do imigrante italiano e marcas de ancestralidade, requer breve recuperação histórica de dados, reportando-se ao início da ocupação de terras da região das encostas da serra que eram terras devolutas e que foram divididas inicialmente em duas colônias: a colônia Grão Pará e a colônia Azambuja.

As políticas imigratórias do Brasil no final do século XIX e início do século XX incentivavam a vinda de estrangeiros para o Brasil. As levas de imigrantes que chegaram trouxeram uma importante contribuição demográfica, econômica e cultural na formação da população brasileira. Esses fluxos migratórios de portugueses, espanhóis, italianos, alemães, dentre outros fluxos, contaram com políticas migratórias que favoreceram sua chegada e estabelecimento no Brasil. No sul do país, expressivas em quantidade foram as imigrações alemãs e italianas.

Estas turbas de imigrantes italianos constituíam diásporas que, de acordo com Hall (2003, p.16) “enfoca sempre o jogo da diferença, a *difference*, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda a identidade e das identidades diaspóricas em especial”. Neste contexto, pensar

a imigração italiana no sul de Santa Catarina é refletir, também, sobre formações diaspóricas, destacando um movimento transnacional que envolveu as mais diferentes formas de comunicação, investimentos de capitais e deslocamentos de diferentes grupos humanos.

Outro aspecto importante é discutir de que forma a identidade cultural destes povos migrantes é fixada. Conforme Hall (2003, p.28):

Presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constituída de nosso eu mais interior. [...] os legados do império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor.

Este retorno redentor na narrativa que aqui analisamos assemelha-se à procura da cocanha, ou seja, a terra prometida que os imigrantes italianos tinham em seu imaginário e que nos leva a concordar com Hall (2003, p. 29) que “possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta”. E veremos adiante, exatamente como objetivo deste estudo, a narrativa literária reforça os símbolos culturais, marcas de uma ancestralidade, capazes de mobilizar os sentimentos de reconhecimento e pertença.

Pertinente a esta pesquisa são as contribuições do pensador jamaicano ao afirmar que este cordão umbilical é o que chamamos de

tradição, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua “autenticidade”. É claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significados às nossas vidas e dar sentido à nossa história (HALL, 2003, p.29).

A história *Operários de Primeira Hora* é marcada por estas características míticas fundadoras que vão se formando ao longo da narrativa que, assim, como Brentano (espaço imaginal) é construída a cada dia que se passa nas terras do além pátria, vão adquirindo o significado de construção da terra da bonança, da fartura e do sucesso, apesar dos relatos de agruras enfrentadas no dia a dia. Assim, “os mitos fundadores são, por definição, transitórios: não apenas estão fora da história, mas são fundamentalmente a-históricos” (HALL, 2003, p. 29). Neste contexto, a teoria que sustenta o estudo também se apoia em mitos fundadores sobre os quais repousam as imagens das estruturas de sensibilidade e regimes de imagens estudados por Durand (2012).

Um das primeiras abordagens necessárias, é a concepção adotada, aqui, para os termos *colônia*, *colonização*, *colonos*. No contexto de nosso trabalho, o processo de colonização não deve ser entendido como aquele que veio com o objetivo de invadir, conquistar terras, transformar em colônia de outrem o território ocupado. Co-lonização e colônia são, aqui, trabalhados como ocupação das terras dotais, pertencentes aos descendentes do Imperador, uma vez que, politicamente, já pertencíamos a uma nação livre. Essas terras eram vendidas por companhias a imigrantes de outros países que vinham se instalar no Brasil.

Em *Dialética da Colonização*, Alfredo Bosi (1992) observa que na ótica do conquistador a colonização ganha um sentido de epopeia e aventura, empreendimento de civilização e progresso. Nesta mesma linha de pensamento, Carola (2014, p. 16) nos fala sobre a questão do pensamento da primeira geração de imigrantes italianos que chegou ao sul de Santa Catarina, que, em certos aspectos, era “motivada pela utopia de construir um novo mundo, uma nova cidade, uma nova sociedade”. Assim, “os que sobreviveram e suportaram o sacrifício da viagem, as provações iniciais da vida na Mata Atlântica e a árdua construção da vida rural, legaram para as gerações posteriores não somente as bases da civilização material,

como também a ideologia do “pioneiro” e do “progresso” (CAROLA, 2014, p.16).

Diversas outras colônias foram criadas a partir de 1870, sendo o sul de Santa Catarina o principal foco de colonização italiana do estado. No sul do estado os imigrantes provinham principalmente do Vêneto. Os imigrantes se dedicaram, principalmente, ao desenvolvimento da agricultura e à mineração do carvão, sendo eles imprescindíveis na formação desta região.

A região descrita na obra literária de Mazzurana (2012) refere-se à colônia mista de Grão-Pará e possuía terras inóspitas e vales férteis que favoreceram o trabalho agrícola. Dessa forma, as glebas de terras adquiridas pelos imigrantes eram denominadas de colônias e seus proprietários passaram a ser tratados como colonos, ou seja, aqueles que se dedicam ao cultivo de produtos agrícolas. O termo, até hoje, é usado para contrapor-se àqueles que ocupam a zona urbana. Colono é, então, o homem que lida com a terra, fazendo-a produzir alimentos, aquele que mora na zona rural e que se dedica à agricultura e à criação de animais (DALL’ALBA, 2003).

Ainda, de acordo com o historiador padre João Leonir Dall’Alba (2003), o atual território das ex-colônias Grão Pará e Azambuja era habitado por tribos de índios botocudos. Esta tribo, como em todo o território brasileiro, lentamente foi exterminada. Os confrontos entre italianos e *bugres* fez com que os últimos remanescentes desta nação indígena desaparecessem. Os três últimos integrantes foram localizados no interior do município de Orleans na década de 60 e, pela intervenção da FUNAI, foram levados a uma reserva indígena no estado do Paraná.

No início da ocupação, era comum a presença de *bugreiros*, aqueles que se especializavam na captura de índios e que eram pagos pelos colonizadores para garantir a segurança do grupo. A presença dos grupos indígenas foi apagada e silenciada na região. Eles fazem parte das lendas que as gerações mais antigas costumam contar às atuais. Seus vestígios culturais estão hoje resguardados nas peças

que compõem o acervo histórico do Museu da Imigração Conde D'Eu, em Orleans.

A região toda pertencia à família Real. Era parte do dote da Princesa Isabel, herdeira do Império. Com a queda do império e a implantação da república, a família imperial decide contratar uma empresa para colonizar as terras. A tarefa foi entregue ao Comendador Caetano Pinto Júnior, em 15 de novembro de 1881. Responsável pela vinda de mais de 100 mil imigrantes italianos, o comendador funda uma companhia própria cujo nome era Colônia de Grão Pará, nome dado em homenagem ao primogênito da família de D. Pedro de Alcântara Luiz Felipe Maria Gaston, Príncipe do Grão Pará (DALL'ALBA, 2003).

Abre-se, então, uma grande clareira na mata virgem e começa a construção da sede da colônia, um barracão feito de pau-a-pique. Traduzindo esta procura pela tão sonhada terra prometida, nos diz Maffesolli (2001, p.103) que “o mito do paraíso é um tema decorrente que toma as formas mais diversas. Todas as “Atlântidas”, como as “utopias”, são não-lugares, países de sonhos, que surgem na confluência desses parâmetros humanos que são precisamente o onírico, o lúdico e a realidade imaginária.”

A conquista deste espaço foi longa e difícil, como já discutimos em outros trabalhos, especialmente quanto ao trato com a terra (MORAES e BRESSAN, 2016a) e a religiosidade como símbolo de potência (MORAES e BRESSAN, 2016b). Os imigrantes italianos que vieram para esta região eram, em sua maioria, provenientes do Vale do Vêneto, província da Itália. Sem grandes recursos econômicos chegaram à América em busca de fama e riqueza. Encontraram desafios e uma terra inóspita e pouco acolhedora. Vinham com poucos recursos e não tinham como voltar à Europa. Fragilizados pelo árduo trabalho, pelas precárias condições de saúde e higiene, muitos sucumbiam às doenças tropicais, às picadas de serpentes venenosas. Entre as baixas, mulheres e crianças eram as maiores vítimas.

Assim, a trajetória dos imigrantes e aquela representada pelos personagens de primeira hora nos remete ao imaginário do imigrante desbravador. Aquele tempo, do contexto citado acima, é um tempo considerado primordial para este agrupamento italiano no sentido de um discurso mítico e expressão do trajeto antropológico (DURAND, 2002; ELIADE, 1978; MORAES e BRESSAN, 2016a). Ainda hoje, na descendência destes imigrantes, essa trajetória mítica de desbravamento encontra eco, identificação e projeção. Comuns, no sul, encontros das famílias que se configuram em momento para reforçar a tradição, pertencimento e ancestralidade, brindando a bravura dos antepassados. Estas narrativas histórico-literárias, especialmente as regionais como a obra de Mazzurana (2012) reforçam o modelo mítico e as estruturas sensíveis imaginais. “O acontecimento histórico em si só perdura na memória popular e sua recordação só inspira a imaginação poética na medida em que esse acontecimento histórico se aproxima de um modelo mítico” (ELIADE, 1984, p. 57).

A narrativa sobre os imigrantes é mais um elemento de reforço do sentimento de pertença pelos descendentes à italianidade. Aqui trazemos o conceito de ancestralidade apresentado por Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 60) como “o traço constitutivo do meu processo identitário que é herdado e que persiste para além da minha existência”. A existência individual de cada leitor da narrativa, descendentes dos protagonistas da obra, se coaduna com a existência, a trajetória heroica, o mito do desbravador e da busca pela cocanha por seus antepassados. Vieram e aqui fizeram história e sua nova pátria, mas uma pátria simbolicamente híbrida, pois portadora desta ancestralidade, que vem de longa duração histórica, é herdada pelos ritos das tradições culturais. Esta herança pertence ao indivíduo, mas o ultrapassa: faz parte de seu trajeto antropológico.

Para os autores (2012), estes laços são possíveis a partir de duas estratégias: a memória (cujo livro é uma materialidade importante) e a provação (tão bem expressa nas descrições míticas da busca da cocanha e do imigrante desbravador). Ambas

configuram o processo de laços de pertencimento. As situações de risco, que são inúmeras relatadas na obra, reforçam a ancestralidade, o que, neste caso, chamamos de italianidade. Os trechos abaixo, exemplificam o sentido geral da obra, que expressa a busca pela cocanha como um ato desbravador, mas um desbravador alquimista, tal como Eliade (1978) nos apresenta, que transforma a substância (neste caso, a terra) em riqueza. A trajetória da busca pela cocanha pelos imigrantes italianos no sul de Santa Catarina é um ato histórico de desbravamento e construção do lugar imaginado pelas próprias mãos (MORAES e BRESSAN, 2016a). Podemos ver esta construção nos excertos diacrônicos da narrativa:

Vencedor, eu também poderia merecer a participação decisiva na construção da cidade do mundo novo, bem como poderia me candidatar a encontrar a *cocanha* que motivava tantas pessoas nas terras de Brentano. (...) Vencido este desafio (eu sentia), estaria preparado para lançar-me na vida e na sociedade de Brentano e gozar do respeito de todos os seus habitantes. Aspiração justa para ascender socialmente e quem sabe encontrar a fortuna. (MAZZURANA, 2012, p. 9)

- Tu ainda és um homem forte – disse o padre – e o que não podes fazer aqui neste velho mundo cheio de vícios, poderás realizar lá no Brasil, onde tudo está por fazer. Junto com todos os que estão indo para lá, poderás encontrar a *cocanha* escondida na terra, e no alto encontrarás um tesouro impercível. Estas duas pedras de salvação estão lá. (MAZZURANA, 2012, p. 51).

As estradas que iam ligar Brentano a outros centros, contava ele, estavam sendo feitas. Mas ainda existiam muitas picadas recém-abertas e perigosas. Assim, a maioria dos que chegavam se alistava para trabalhar na abertura das estradas quinze dias por mês, conforme permitia o Regulamento da colônia (MAZZURANA, 2012, p. 79).

Assim todos tinham maior disposição para entregar-se ao trabalho. Alguns manuseavam picaretas, alavancas e pás; outros ajustavam as pedras que iam encontrando. Seguindo a picada já traçada, tiravam a primeira camada de terra com raízes, tocos e ervas que a cobriam.

Depois cavavam até fazer o leito da estrada, três metros de largura. Amaciada a terra pelas picaretas, entravam em ação as pás, que colocavam a terra do lado oposto ao barranco e nos declives, para formar o leito. Uns rolavam as pedras maiores (...) Assim o caminho ia caminhando (MAZZURANA, 2012, p. 80)

Além do trabalho pesado, havia outros incômodos a azucrinar a vida dos abnegados italianos. (MAZZURANA, 2012, p. 81)

Pensávamos começar logo nossa caminhada na direção da felicidade e da *cocanha*. Muitos dos compatriotas acham que nem trabalhando a vida inteira vão chegar aonde pensavam que seria o começo da nova vida. Ao invés de encontrar terreno limpo e uma casa, encontramos apenas floresta fechada e cheia de bichos (MAZZURANA, 2012, p. 94).

De tarde convidou Isabela para irem juntos ao terreno que havia comprado na localidade de Palmeiras do Meio. O terreno já estava em parte desbastado, mas teria ainda que derrubar mais uma porção de mato, porque ali desejava fazer seu maior parreiral. A *cocanha* finalmente estava ao alcance da mão. Pensou em Sperandio. O coitado morreu velho e miserável. Imaginou que a *cocanha* seria uma bola de ouro escondida em algum lugar da floresta. Não é. São gotinhas de ouro espalhadas na terra, que o trabalho transforma em cachos de uva e espigas de milho (MAZZURANA, 2012, p. 327).

Um dos primeiros pressupostos aos quais devemos atentar no estudo de narrativas literárias, imbricadas em questões históricas, é para a questão do objetivo inicial das características, ou ainda das peculiaridades de cada uma dessas referentes maneiras de narrar. Todorov ensina que:

Ao nível mais geral, a obra literária [assim como qualquer narrativa] tem dois aspectos: ela é ao mesmo tempo uma história e um discurso. Ela é história, no sentido em que evoca uma certa realidade, acontecimentos que teriam ocorrido, personagens que, deste ponto de vista, se confundem com os da vida real. Esta mesma história poderia ter-nos sido relatada por outros meios; por um filme, por exemplo; ou poder-se-ia tê-la ouvido

pela narrativa oral de uma testemunha, sem que fosse expressa em um livro. Mas, a obra é ao mesmo tempo discurso: existe um narrador que relata a história; há diante dele um leitor que a percebe. Neste nível, não são os acontecimentos relatados que, mas a maneira pela qual o narrador nos fez conhecê-los (TODOROV, 1973, p. 211).

Percebemos que a narrativa de Mazzurana (2012) evoca a trajetória dos imigrantes italianos, desde os preparativos da partida, permeados pelo sentimento da busca da cocanha, até a construção de um espaço social dada por atos de desbravamento. Assim, como história e como discurso, reforça os laços de italianidade entre o percurso dos imigrantes e a vida de seus descendentes.

### **Entrelaçando fios entre Imaginário, Literatura e História**

*Operários da Primeira Hora* é uma narrativa que enfoca o imigrante italiano que aportou no Brasil no século XIX. A ação se estende no tempo entre o final de 1800, mais precisamente de 1877, quando chegaram os primeiros imigrantes, a 1921, quando ocorreu um surto de varíola em algumas localidades do sul catarinense. Incluem-se na obra os filhos de imigrantes, os ítalo-brasileiros. O romance apresenta diversos vieses que implicam a variação da ação e do tempo. Em cada um, uma personagem se sobressai - Inácio Barzan, Sperandio Catassolde, Salvino Mazzamurelli, Giovanni D'Agostino. Como personagem principal ressalta, com características épicas, um povo transplantado por força de circunstâncias históricas, para um meio hostil (a floresta brasileira) que se torna a personagem antagônica. A narrativa se constitui na fala do narrador, que não se revela, mas dá a conhecer ao futuro genro (Belfiore) o que é a cidadezinha de Brentano. Por outra parte, o futuro genro não profere uma única palavra no decurso de toda a narrativa. Assim o leitor é convidado a buscar uma resposta para as reflexões do narrador.

Literatura e História são espaços que se entrelaçam e nestes laços constroem teias e tramas que, em momentos e análises diversas, se complementam e se traduzem. Mas, esta relação nem sempre ocorreu desta forma. Os textos literários, bem como outras fontes artísticas, não eram considerados documentos fidedignos para comprovar a verdade histórica (FERREIRA, 2009, p.63). A História tinha cunho científico, a Literatura era compreendida apenas como ficção. A Literatura estaria sempre ligada ao imaginário e ao verossímil, enquanto a História estaria em conexão com o real e o concreto, ou seja, o percurso histórico era perfeitamente construído e de forma fidedigna, sem espaço para a subjetividade que permeia os fazeres humanos.

Mas, a partir da década de 20 do século passado, estudiosos franceses abriram espaços para a historiografia, ou seja, a História passa a ter uma visão interdisciplinar, dialogando com outras ciências, entre as quais a Literatura e a Antropologia. Estas duas são perspectivas maiores neste estudo, pois a teoria durandiana prevê o percurso antropológico do desenvolvimento das imagens no qual repousam sobremaneira as imagens advindas dos textos literários.

Desse modo, o universo da literatura, tal como o da história, também constitui uma socialização de valores, memórias e discursos. Portanto, pode-se aferir que o papel do historiador e do escritor relaciona-se com a reconstrução da memória. Cultura e representações não podem estar distantes do conceito de memória, pois “assim como a história é a narrativa que presentifica uma ausência no tempo, a memória recupera, pela evocação, imagens do vivido” (PESAVENTO, 2008, p.15).

Na narrativa de Mazzurana, as personagens refazem o processo da migração italiana pelo sul catarinense, condensando em suas imagens relatadas épocas de vidas compartilhadas no constante desafio de sobreviver em terras além da pátria mãe. Também é necessário dizer que a obra de arte deve ser analisada como produto artístico que possui elementos constitutivos que lhe são próprios,

mas não se podem esquecer as influências que o autor recebe pela condição humana (percurso antropológico) e pela cultura onde está imerso e em que a obra emerge. Afirmam Arendt e Pavani (2006, p. 13) que “se à história compete a tarefa de reconstituir os fatos passados e interpretá-los à luz de métodos científicos, é provável que ela jamais consiga se equiparar à literatura, nem mesmo pelo fato de compor enredos, utilizando determinados recursos éticos que são intrínsecos à criação literária”. Para os autores, “a história, aliás, nunca dará conta de inserir satisfatoriamente nas suas tramas aqueles elementos subjetivos, alegóricos e poéticos que dão sabor à narrativa literária e transcendem a própria circunstância representada”. (ARENDDT e PAVANI, 2006, p.13)

Neste contexto, a obra objeto deste estudo, é rica fonte destes elementos alegóricos e poéticos que se constituem como o imaginário dos italianos em busca de outro destino, outro vir a ser. *Andiamo in Mérica* é um termo que traduz este imaginário de encontrar a cocanha.

Assim como o imaginário é um produto mental, a narrativa literária também emana deste esforço mental de materializar que, em todos os tempos, é uma particularidade humana: narrar esta produção do imaginário que age no universo da mesma forma que o universo age sobre ele. É necessário considerar, também, que a teoria do imaginário não é redutível, antes disso, propõe-se a uma abrangência que integra um olhar multiperspéctico, entrelaçando e diversificando a rede de maneiras de ver e olhar o mundo, não apenas a natureza do ser humano, mas também sua cultura e sua história de ser e estar no mundo.

Corroborar com este olhar Guarnieri (2014, p.158), ao dizer “imagens do espírito representadas em obras de arte como a literatura são precisamente aquelas que, junto com a memória, não se apresentam de imediato, no concreto, mas antes são imaginadas pela criação poética”. Acrescenta o autor: “Apesar de imaginárias, lançam luz no mundo de relações reais. Ambas, ciência e literatura

são linguagens, portanto representações. A segunda, porém, é linguagem no mais alto grau, porque linguagem simbólica, que lança luz e calor no entendimento do cotidiano”.

E, assim, são os *Operários de Primeira Hora*. Linguagem poética a potencializar as imagens da migração italiana no sul de Santa Catarina, apontando as interfaces da Literatura e a História, demonstrando que as fronteiras são, antes de tudo, móveis.

### **Considerações Finais**

Literatura e história conjugam-se na narrativa de Mazzurana (2012), construindo um tecido que sustenta o imaginário nas correntes imigratórias italianas do sul catarinense. Toda a dramaticidade de uma viagem sob condições desumanas não tira da turba italiana o sonho de construir um lugar onde coubessem os sonhos outrora sonhados na distante Itália. Mesmo que reproduza na narrativa uma história já contada, o discurso de Mazzurana traz à luz para a Literatura Catarinense, um recorte do sul catarinense em que mitos se entrelaçam (ou se reafirmam) com a cultura da região, e estabelece um *continuum*. A ancestralidade se reforça e atualiza a partir de elementos simbólicos retratados nas mais diversas narrativas: literárias, históricas, orais.

Desta forma, História e Literatura percorrem trilhas em comum e ambas são formas de conhecimento do mundo, pois por meio de ambas as ciências, o ser humano pode acessar informações mais amplas de um fato ao longo de seu percurso histórico. De outra maneira, constatamos que a produção de um texto literário passa também a ser interpretado pelo viés da História, como o fizemos neste estudo, inserem-se em uma bacia semântica que lhe dá certo tom e expressa o trajeto antropológico do imigrante italiano no sul de Santa Catarina. Assim, afirmamos que a narrativa histórico-literária utilizada como exemplo das discussões, está sustentada por

elementos imaginais como o mito da cocanha e do desbravador. E, por consequência, constitui reforço do sentimento de pertença à italianidade pelos símbolos que mobiliza. Por estas duas perspectivas, entendemos que esta relação entre história, literatura e imaginário reforçam os laços de uma ancestralidade.

## Referências

ARENDETT, João Claudio; PAVANI, Cinara Ferreira. América, a antiutopia da imigração italiana. In: *Conexão: Comunicação e Cultura*. Caxias do Sul, v.5, n°9, jan./jul. 2006, p.219-241.

BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História**. 2 ed. São Paulo: editora 34, 2015.

\_\_\_\_\_. **Dialética da colonização**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAROLA, Carlos Renato. **Natureza admirada, natureza devastada**. História e Historiografia da colonização de Santa Catarina. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/vh/v26n44/a11v2644.pdf>. Acesso em 11 de março de 2017.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e Mito**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DALL'ALBA, João Leonir. **Pioneiros nas Terras dos Condes**. 2ed. Orleans: Gráfica do Lelo, 2003.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **A imaginação simbólica**. Trad. Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, 1988.

\_\_\_\_\_. **Campos do Imaginário**. Trad. Maria João Batalha Reis. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ELIADE, Mircea. **O Tratado da História das Religiões**. 4 ed. São Paulo, Martins e Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o Profano**. A essência das religiões. 3 ed. São Paulo: Martins e Fontes, 2003.

\_\_\_\_. **O mito do eterno retorno**. Lisboa: Edições 70, 1984.

\_\_\_\_. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bossanezi; LUCA, Tania Regina de (org). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

FERREIRA-SANTOS, Marcos; ALMEIDA, Rogério. **Aproximações ao imaginário**: bússola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012.

GUARNIERI, Ivanor Luiz. **Imaginário**: convergências filosóficas e literárias. In: ALVES, F.B., SCHOREDER, T.M.R., BARROS, A.T.M.P.(Orgs.) **Diálogos com o Imaginário**. Curitiba: Editora CRV, 2014.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-modernismo**: história, teoria, ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MAFFESOLI, Michel. **A Conquista do Presente: por uma sociologia da vida cotidiana**. São Paulo: Argos, 2001.

MAZZURANA, Valdemar M. **Operários da Primeira Hora**. Palhoça: Editora da Unisul, 2012.

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis. **Sob a perspectiva do imaginário: os mitos como categoria dos estudos da cultura e da mídia**. In FLORES, Giovanna G. B. Flores; NECKEL, Nádia Régia Maffi; GALLO, Solange Maria Leda (orgs). **Análise do Discurso em Rede: cultura e mídia**. v.2. Campinas: Pontes, 2016

MORAES, Heloisa Juncklaus Preis; BRESSAN, Luiza Liene. Entre a conquista e o repouso: elemento Terra como imaginação poética em uma narrativa sobre imigrantes italianos. **Fólio – Revista de Letras**. Vitória da Conquista-BA. v.8, n.1, p. 473-491, jan./jun. 2016a.

\_\_\_\_. Imaginário e religiosidade na obra *Operários de Primeira Hora*, de Valdemar Mazzurana e o regime noturno das imagens. **Revell**. Ano 7. v.2, n. 13, p. 42-58, ago. 2016b.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História Cultural: caminhos de um Desafio contemporâneo. In: SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais**. Porto Alegre: Asterisco, 2008, p.11-18.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é Mito**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

TODOROV, Tzvetan. **As Categorias da Narrativa Literária**. In *Análise Estrutural da Narrativa*. (pg. 209-254). Tradução: Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis: Vozes, 1973.